# Tecnologia, um dilema - 22/04/2021

Somos reféns do passado, contra isso não se pode lutar. A gente chega em um  
mundo constituído, seja com suas agruras ou benesses. Há uma herança  
entranhada no corpo e essa parte física, sendo o que nos constitui, é o  
essencial. E só.  
  
Então, resumindo, se há escolha, ela é fictícia. Há um contexto de nascimento,  
cultural, de possibilidades. Aí embutidos, lançam-se os dados. Aposta-se um  
número e a roleta gira. Se eu tenho o zap, eu posso trucar logo de cara, ou  
posso segurar, mas posso morrer com ele. Aclarando: por mais que haja um  
pensamento original, um fragmento de lucidez, tudo isso é intrínseco a uma  
panaceia que apresenta forte ligação entre suas partes. É a pangeia que não  
ocorreu, porque o próprio mar é vida. E, assim, todos nós interligados,  
seguimos.  
  
Isso posto, sorrateiramente e talvez sem que queiramos, há um dispositivo. Há  
uma miríade de coisas. É lamentável que, em pleno século XXI, por mais que  
proliferem danos de ordem pessoal, isso tudo não esteja disponível para todos.  
Mas não é sobre isso, exatamente, que queremos tratar. Sobre autonomia,  
falaremos.  
  
O que passa é que a espécime se aperfeiçoa e, obviamente, porque disso depende  
sua existência. Mas é um engodo achar que tudo ocorre sem nenhuma determinação  
ou, enviesadamente, nos acharmos senhores do tempo. Não! O tempo não é nosso,  
se bem que o tempo é, sim, uma criação nossa. Mas foi feito para ordenar,  
organizar, intervalar. É só isso, no frigir dos ovos.  
  
De todo o modo, aperfeiçoar não é, necessariamente, ir para frente. O siri não  
nos deixa mentir. Seria um falso dilema? No final da história, tudo é lixo.  
Tudo, tudo, tudo é lixo. Consumimos lixo, somos lixo. Mas não façamos disso  
uma bandeira, bandeiras aprisionam. A superfície é tudo, menos latente. Desce,  
desce aí, escava, pode escavar à vontade, que não tem nada. E a tecnologia? É  
só o espelho de Narciso, não mais.